

Ortodoxo, Levy tem a confiança do mercado

Engenheiro naval de formação, com doutorado em economia pela Universidade de Chicago — um templo do pensamento econômico liberal —, nos Estados Unidos, Joaquim Levy, 53 anos, volta ao governo após ter sido secretário do Tesouro Nacional durante o primeiro mandato do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Ele também foi secretário de Fazenda do Estado do Rio de Janeiro, durante o primeiro mandado do governador Sérgio Cabral (PMDB). Ultimamente, ocupava o cargo de diretor-superintendente da Bradesco Asset Management, braço de gestão de recursos do Bradesco.

A expectativa de nomeação de Levy vinha repercutindo positivamente no mercado financeiro desde a semana passada, devido ao ser perfil ortodoxo, e à perspectiva de que sua presença no primeiro escalão possa significar o fim do interventionismo do governo na economia. Levy é considerado ainda a pessoa certa para recolocar as contas públicas em ordem. Quando chefiou o Tesouro, entre 2003 e 2006, ganhou o apelido de “mãos de tesoura” por cortar gastos. Todavia, ele é respeitado também entre os integrantes do governo Dilma, por causa de seu estilo objetivo e pragmático.

“Ao escolher Levy, a presidente está tentando recuperar credibilidade, o que é crucial neste jogo”, avaliou o economista do Goldman Sachs Alberto Ramos, que conheceu o futuro ministro na Universidade de Chicago. Levy registra no currículo passagens pelos quadros do Fundo Monetário Internacional (FMI) e pelo Banco Central Europeu (BCE), onde atuou como economista visitante.

Poucos economistas conhecem as finanças brasileiras como ele. No Tesouro, teve papel vital em ajudar o Brasil a obter o grau de investimento das agências de classificação de risco, ao manter os gastos do governo controlados e revisar toda a estrutura da dívida pública.